



ÁREA TEMÁTICA: Cidades, Campos e Territórios

Leituras Espaciais e Diversidade Social

TEOBALDO, Izabela Naves Coelho
Doutoranda em Sociologia
Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
iza.naves@gmail.com

LOPES, João Teixeira
Doutor em Sociologia
Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
jmteixeiralopes@gmail.com

BAPTISTA, Luís António Vicente
Doutor em Sociologia
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
luisv.baptista@fcsh.unl.pt

Resumo

O projecto *Regionalidade e Diversidade Social* em curso desde 2005 tem como principais objectivos a elaboração de um estudo centrado na análise demográfica prospectiva e sociológica das principais tendências que atravessam as Áreas Metropolitanas do Porto e Lisboa, preocupando-se, simultaneamente, com os padrões e variáveis constantes nos dados demográficos e as configurações respeitantes à inscrição espacial das desigualdades sociais resgatadas através de duas incursões etnográficas em freguesias de Lisboa (Lumiar) e Porto (Ramalde) pautadas quer por um recente crescimento demográfico (apesar da tendência hegemónica de perda de população nas duas cidades), quer por uma crescente diversidade e descontinuidade social.

Na presente comunicação daremos conta do estudo efectuado na freguesia de Ramalde, no Porto, onde se pretendeu, entre outros objectivos, operacionalizar, via *grounded theory*, o conceito de regionalidade à escala da freguesia, tendo em conta as seguintes dimensões, analisadas em três locais socialmente distintos da freguesia:

- morfologia urbana; - modos de habitar; - sociabilidades; - apropriações e usos do espaço urbano.

A incursão etnográfica assentou em protocolos de observação directa e deambulante (quer flutuante, quer a partir de plataformas de observação – cafés, lojas, sedes de associações, etc.) e ainda em entrevistas semi-directivas a informantes privilegiados (políticos e técnicos da junta de freguesia; líderes associativos locais; comerciantes)

Palavras-chave: regionalidade, diversidade social, morfologia urbana





Considerações iniciais

O projecto *Regionalidade e Diversidade Social* em curso desde 2005ⁱ tem como principais objectivos a elaboração de um estudo centrado na análise demográfica prospectiva e sociológica das principais tendências que atravessam as Áreas Metropolitanas do Porto e Lisboa, preocupando-se, simultaneamente, com os padrões e variáveis constantes nos dados demográficos e as configurações respeitantes à inscrição espacial das desigualdades sociais resgatadas através de duas incursões etnográficas em freguesias de Lisboa (Lumiar) e Porto (Ramalde) pautadas quer por um recente crescimento demográfico (apesar da tendência hegemónica de perda de população nas duas cidades), quer por uma crescente diversidade e descontinuidade social.

Na presente comunicação daremos conta do estudo efectuado na freguesia de Ramalde, no Porto, onde se pretendeu, entre outros objectivos, operacionalizar, via *grounded theory*, o conceito de regionalidade à escala da freguesia, tendo em conta as seguintes dimensões, analisadas em três locais socialmente distintos da freguesia:

- morfologia urbana;
- modos de habitar;
- sociabilidades;
- apropriações e usos do espaço urbano.

A incursão etnográfica assentou em protocolos de observação directa e deambulante (quer flutuante, quer a partir de plataformas de observação – cafés, lojas, sedes de associações, etc.) e ainda em entrevistas semi-directivas a informantes privilegiados (políticos e técnicos da junta de freguesia; líderes associativos locais; comerciantes)

Elementos de análise morfológica

No ritmo de suas metamorfoses, a cidade é sempre o território da contingência absoluta. Não somente nela tudo é possível, mas, mais ainda, o possível está fundamentalmente ligado à emergência constante do casual. O que a cidade oferece a qualquer percepção é o próprio fato dessa relação indestrinçável, implícita, entre o tempo e a contingência. Na infinidade cotidiana de nossas apreensões e de nossas percepções, durante o mais corriqueiro dos deslocamentos ou do andar sem rumo pela cidade, o que pode simultaneamente ser ou não ser continua sendo o possível da visualização. Não se trata mais da abordagem "sensível" da cidade, encenada por uma certa fenomenologia da vida urbana, mas de uma confrontação, feliz ou infeliz, com a irrupção da contingência.ⁱⁱ

A análise morfológica da área estudada – a freguesia de Ramalde no Porto – tem por objectivo proporcionar um quadro referencial sobre a morfologia do espaço urbano e desenvolver um olhar sobre os diferentes elementos – formais ou não formais, inseridos nas cidades e, em menor escala, nas freguesias – que compõem essa paisagem. A escolha da freguesia de Ramalde é justificada pela alta diversidade social encontrada na região, propiciando recortes equivalentes a grupos pertencentes a classes com capitais diferentes: baixa, média e alta.

A partir desse recorte pretende-se analisar a presença ou não de uma linguagem comum do espaço e a maneira como o mesmo pode ser apropriado, de diferentes ou semelhantes formas de acordo com cada subregiãoⁱⁱⁱ. Além disso, seria importante perceber como diferentes disposições das áreas de construções e



espaços residenciais relativamente homogêneos, de diferentes épocas e composições sociais, ocupam o solo contido nos perímetros escolhidos.

A morfologia urbana pode ser abordada de diferentes maneiras através dos aspectos da percepção visual, de possíveis leituras mais técnicas, ou mesmo através de condicionantes históricos. Estudos de Sitte^{iv}, Lynch^v e Cullen^{vi}, consideram a percepção visual da cidade através do carácter individual do ponto de vista do habitante e também através do ponto de vista do cidadão que percorre a cidade em seus trajectos quotidianos^{vii}. Ou seja, além do reconhecimento do ponto de vista formal (traçado urbano, trajecto, horizonte, praça, cruzamento, ritmo, etc.) também deve ser considerada a relação entre a percepção, o reconhecimento, no sentido de orientação espacial e a escala humana, nestes casos considerada elemento fundamental e medida padrão.

Outro aspecto que pode ser, neste trabalho, relacionado com a imagem do espaço urbano é a qualidade de vida, aqui entendida não só como “a do momento mas também a do lugar que ela ocupa ou ocupou no próprio crescimento de cada cidadão, na formação da sua personalidade, e no leque de possibilidades que a cada momento permite a cada um de nós escolher o seu rumo” (Moutinho, 2007).

Para melhor compreensão das áreas seleccionadas, serão inicialmente apresentadas a localização e o enquadramento de cada uma delas. Posteriormente, será seleccionado um percurso no qual estarão identificados os elementos que conformam o espaço urbano, referenciando a simetrias, hierarquias, texturas, além do reconhecimento de referências patrimoniais e históricas das áreas.

Para a definição dos elementos formais serão observados elementos como a simetria, ritmo, limite, recorte, texturas, cores, definição de eixos e hierarquia de elementos, enquanto para os não formais será analisada a ideia de convite, sombra, transparência, horizonte, marcos, uso e oposição. Podem ser utilizados como princípios orientadores do desenho urbano critérios como a clareza e conveniência; a harmonia e capacidade; as escalas e tipologias / interesse visual; o carácter / individualidade / definição do espaço; as actividades; as amenidades / conforto; e a variedade / contraste.

Quanto às tipologias, a classificação utilizada seguirá os critérios de blocos isolados; torres em bandas contínuas; edifícios com galerias piso a piso; moradias unifamiliares; enquanto para as categorias de usos, serão utilizadas células residenciais, comércio local, comércio amplo e habitações mistas. A infra-estrutura, topologia, utilização e história do lugar também são elementos que permitem a leitura da forma urbana e serão considerados neste estudo.

Na região de Ramalde ainda são facilmente identificadas diferentes características do espaço urbano, sendo encontradas tanto as de carácter citadino quanto as de carácter rural. Pode-se dizer que a configuração espacial surge como resultado de processos históricos, sociológicos e económicos, ou seja, das diversas formas de apropriação do espaço pelos seus habitantes, estabelecendo uma relação dialéctica entre território e sociedade, onde a cidade e as formas urbanas de humanização do território permitem o permanente processo de transformação dos espaços.

Segundo Salgado et al (2006), “a cidade muda também em consequência das evoluções tecnológicas, seja na mobilidade colectiva e individual (...), seja nas tecnologias de construção (...), seja nos dispositivos domésticos que transformaram o quotidiano familiar (...), seja nas novas tecnologias de informação e comunicação que introduziram uma outra dimensão do espaço e do tempo. (...) A ordem pela qual se realizam as diferentes acções no processo de construção da cidade (...), parcelamento, urbanização e edificação (...), contribuem também para explicar a razão de ser da forma da cidade existente.”

Ramalde manteve sempre um crescimento populacional positivo entre 1864 e 1981, sendo apontada como negativa pela primeira vez nos "Census" preliminares de 1991. Entre 1864 a 1900 o número da população aumentou para mais do dobro, o que pode ser explicado pela crescente mão-de-obra devido ao surgimento do sector industrial. Entre 1940 e 1950 o crescimento foi de 38,7%, explicado pelo afluxo migratório das zonas rurais para as zonas urbanas. Entre 1960 e 1970, o índice de crescimento foi ainda maior alcançando



os 44,5%, relacionado com o desenvolvimento industrial e a consequente fixação de mão-de-obra junto às unidades industriais.

A partir da década de 60 ocorre um processo de descaracterização sócio-cultural do modo de vida de S. Salvador de Ramalde, devido à aceleração da urbanização, com a redução do número de trabalhadores do sector primário, apenas 55 nos "Census" de 91, sendo consequência deste fato a perda dos traços culturais de ruralidade na freguesia, actualmente desconhecidos entre a população mais jovem.

A freguesia de Ramalde perde definitivamente a sua face camponesa com o plano de melhoramento da cidade "1956" e depois o plano director municipal "1962", tornando-se num espaço de preferência destinado à função residencial e ao sector secundário. A habitação social marca profundamente a ocupação na freguesia, que se organiza fundamentalmente a partir da década de 60, quando são implantados os bairros sociais a fim de fornecer alojamento à população deslocada do centro do Porto devido aos indícios de saturação – política de transferência administrativa de sectores de população do centro da cidade para a periferia praticada na época – e também com o intuito de substituir as "ilhas" que tiveram origem no início do século XX.

Alguns destes bairros sociais são os de Pereiró, Campinas, Ramalde, Viso, Francos, Ramalde do Meio, Bairro de Santo Eugénio. Apesar da tentativa de substituição das ilhas, estas ainda podem ser encontradas na região, caracterizadas como habitações privadas mas degradadas, como as "ilhas" nas zonas de Pedro Hispano e João de Deus, Francos, Ramalde do Meio, Requesende, Pedro de Sousa e Pereiró. Além deste tipo de habitação, há também as áreas residenciais de luxo: Avenida da Boavista, Zona Residencial da Boavista (Foco) e Avenida de Antunes Guimarães, que se situam nos limites da freguesia, a Sul e Leste. Por último, encontra-se outro tipo de urbanismo, representado pela habitação cooperativa, surto que surge após a revolução de 25 de Abril de 1974.

Segundo notas da junta de freguesia, houve uma quebra de sociabilidade e relação de vizinhança, pelo facto de parte significativa da população activa trabalhar fora da freguesia, mantendo assim, contactos privilegiados em diferentes espaços. Além disso, a abertura de importantes ligações rodoviárias também não favoreceriam, pelo contrário, as tradicionais relações de vizinhança e solidariedade. Entretanto, no que diz respeito às articulações da freguesia com a cidade, pode-se dizer que há controvérsias, já que a mobilidade oferecida, por exemplo pela linha do metro, foi um dos pontos colocados por alguns informantes privilegiados como positivo e que possibilitavam relações dos habitantes do bairro social com outros habitantes e outras áreas da cidade.

Actualmente, a área onde foi instalado o pólo de desenvolvimento industrial, agora área empresarial, abrange vários tipos de actividades. Devido ao crescimento da população e a consequente instalação de complexos habitacionais, Ramalde é hoje a freguesia com mais bairros camarários de todo o Concelho, sendo que em toda a freguesia, vivem cerca de 53 mil pessoas distribuídas por uma área de cerca de 580 hectares.

Morfologia e Imagem Urbana

Os três conjuntos estudados, o bairro social de Ramalde do Meio, o conjunto habitacional da Cidade Cooperativa da Prelada e o conjunto de classe alta São João Bosco, estão situados na freguesia de Ramalde, localizada na parte noroeste da cidade, num território limitado a Norte pela Estrada da Circunvalação, que divide a freguesia com o Concelho de Matosinhos; a Oeste pela rua do Lidador e Avenida do Dr. Antunes de Guimarães, separando-a da freguesia de Aldoar; a Sudoeste pela Avenida da Boavista, ao lado da freguesia de Lordelo do Ouro; a Sudeste pela Rua de Pedro Hispano que a separa da freguesia de Cedofeita; e finalmente, a Leste pela Rua Monte dos Burgas, ao lado da freguesia de Paranhos.

Embora tenha sido um território rural, parece não ter havido preocupação de criação de espaços verdes na freguesia. A área possui alguns locais abertos de utilização pública destinados ao lazer, como campos de



futebol e o parque de campismo da prelada, área verde mais significativa da região. Entretanto, segundo dados da junta, o parque de campismo da cidade, ou parque da Prelada, que ocupa a quinta que pertenceu ao antigo solar dos Senhores da Prelada, é a única zona de lazer em toda a freguesia, mas não é pública.

Como equipamento público relevante, pode-se citar a Nova Igreja S. Salvador de Ramalde, construída sob o ministério pastoral do Padre. António Almiro Mendes a pedido da população, inaugurada em 16 de Junho de 2002. A Igreja situa-se em local estratégico: onde termina a área dos bairros sociais, considerada área pobre da região, e começa a área nobre.

Observa-se que a área é bem diversificada no que tange às tipologias. Podem-se encontrar edificações relativamente altas (superior a 10 pisos), baixas (entre 1 e 2 pisos) e industriais (ou empresariais), com ou sem afastamentos (geralmente inexistente as edificações mais antigas, dispostas em banda). O afastamento entre as edificações de cêrcea mais alta e mais baixa são favoráveis à insolação e correntes de ar formadas pelos ventos.

A morfologia urbana estrutura-se segundo dois eixos viários longitudinais que cruzam toda a freguesia, a Via do Marechal Carmona e a Via de Cintura Interna, via de alta velocidade que tem a função de articulação a vários locais da cidade. São os eixos mais bem definidos da freguesia, sendo auxiliados por outras ruas e avenidas importantes.

A linha do metro^{viii} atravessa a freguesia, desenvolvendo-se segundo um eixo paralelo à Via do Marechal Carmona, constituindo um elemento, tanto físico como simbólico, com forte influência na morfologia urbana^x, permitindo articulação dos moradores com diversas áreas da cidade, factor que tem grande influência nos modos de vivência dos habitantes, principalmente aqueles residentes no bairro social.

Encontram-se também na freguesia algumas áreas desqualificadas com edificações abandonadas em mau estado de conservação, mas a maior parte da área encontra-se qualificada. Quanto ao espaço público, pode-se dizer que são pouco frequentados e em quantidade reduzida, sendo constituídos em algumas áreas somente pelas ruas, não existindo nenhum espaço definido para convívio e lazer. Entretanto, os existentes encontram-se bem conservados. Elementos como as antigas quintas, as zonas verdes, como o parque de campismo, as zonas industriais, a linha do metro, entre outros, funcionam como importantes factores que definiram e consolidaram a morfologia urbana existente.

Bairro Social de Ramalde do Meio

O Bairro Social de Ramalde do Meio situa-se à direita da Via do Marechal Carmona e está limitado pelas ruas de Ramalde do Meio (principal via de acesso ao bairro), Ferreira Castro e D. João Coutinho. Paralelo a esta última, a sul, o bairro é limitado pela linha do metro, anteriormente linha de comboios desactivada, marcando fortemente a área, física e socialmente (no que diz respeito à mobilidade). A presença do metro propicia a boa acessibilidade e articulação com os tecidos do entorno, permitindo maior mobilidade aos moradores e também a passagem pelo bairro de diversos usuários do metro.

Quanto ao carácter do espaço aberto do bairro social Ramalde do Meio, pode-se relatar a presença de um anfiteatro, bem como o espaço entre os edifícios formado pela disposição dos prédios, sem função definida, utilizados como área de convívio.

O quarteirão^x que segue o traçado viário^{xi} constitui no seu interior espaços semi-privados formados pela implantação dos edifícios, com disposição regular, que por sua vez, possibilitam percursos públicos no interior do quarteirão permitindo a permeabilidade e integrando a envolvente e a área do bairro social. Este tipo de implantação possibilita a passagem e apropriação desses espaços tanto por moradores quanto por transeuntes. Entretanto, não é comum a utilização pelos últimos (muitos deles utentes do metro), que geralmente optam pelo percurso através da rua D. João Coutinho. Por outro lado, os moradores, idosos ou jovens, estão sempre presentes nos espaços públicos do bairro, independentemente da hora do dia.



Essa relação urbana com a envolvente também é adquirida devido ao posicionamento dos blocos que se encontram voltados para as ruas. Entretanto, apesar dos elementos propiciarem tal integração, a mesma não é efectuada nas práticas quotidianas dessa área, como já mencionado. É interessante ressaltar que esse posicionamento permite a relação tanto com o exterior do bairro, através das aberturas voltadas para a rua, quanto para o interior, através das aberturas voltadas para o pátio interno.



Imagem 1 – Vista aérea do bairro Ramalde do Meio. Porto, 2008

Fonte: maps.live.com

Ao pátio interno, formado pela maneira como os edifícios estão dispostos, tem-se acesso por um corredor, que possui carácter hostil, abrigando geralmente grupos de jovens. Segundo relatos, neste local ocorrem acções ilícitas, o que o torna pouco frequentado por outras pessoas, inclusive do bairro. Mesmo em épocas em que a chuva é frequente, o local que é coberto, continua no domínio dos jovens. É interessante relatar que, nessas épocas, enquanto os moradores mais velhos abandonam o local em que estão acomodados, os mais jovens – mesmo os que não estão no já mencionado corredor, mas que se encontram na porta do café, por exemplo – continuam naquele espaço, até que se torne inviável a permanência dos mesmos no local.



Imagem 2 – Vistas do corredor a dar acesso ao pátio formado pela implantação dos blocos. Porto, 2008.

Fonte: maps.live.com

Além dos espaços sem função definida, há também um anfiteatro, já mencionado, utilizado como campo de jogos pelos habitantes mais novos^{xii}, construído há aproximadamente 5 anos, parte de uma reabilitação



realizada no bairro, onde existia uma pequena ilha da qual os habitantes foram realojados para o bairro ou para outro local da cidade.



Imagem 3 – Vista do campo de jogos / anfiteatro (com cesta de basquete ao fundo), área reabilitada. Porto, 2008

A reabilitação urbana^{xiii} realizada melhorou as condições de acesso ao bairro e criou a permeabilidade já mencionada, possibilitando maior utilização do espaço e convívio entre os moradores. A abertura da malha permitiu maior mobilidade dos moradores e presença de outras pessoas externas ao bairro. Segundo relatos, a remoção da ilha existente no local (onde actualmente existe o anfiteatro) e a abertura das vias possibilitaram a circulação de viaturas, inclusive táxis, que anteriormente se recusavam a atender a chamadas daquela região. Apesar de ainda um pouco estigmatizada como perigosa, a área apresenta alguns sinais que indicam o contrário como, por exemplo, a presença de polícias femininas e de grande número de viaturas de escolas de condução que tendem a indicar a área como ambiente tranquilo.

A envolvente caracteriza-se por construções antigas implantadas num traçado bastante irregular. As casas constituem alçado em banda contínua e são, muitas vezes, ocupadas com comércio local. São edificações que têm altura variando entre um e dois pisos.



Imagem 4 – Vista da envolvente de Ramalde do Meio. Ao fundo, alguns dos edifícios que fazem parte do Parque Habitacional da Prelada. Porto, 2008

Todos os edifícios que compõem o bairro possuem a mesma tipologia, o que propicia uniformidade no conjunto edificado. São vários blocos em banda contínua dispersos pelo terreno formando um conjunto homogêneo de 4 pisos com águas furçadas e que estão organizados da seguinte maneira: 4 blocos com 3



módulos em banda, 2 blocos com 2 módulos e 1 bloco com 4 módulos, totalizando 7 blocos. A habitação ocupa 100% da área edificada (160 unidades). Os edifícios foram construídos em 1979 com materiais de baixo custo, por exemplo, revestimento em reboco e pintura e telhas de amianto.

Cidade Cooperativa da Prelada

A cidade cooperativa da Prelada é inaugurada em 22 de Julho de 1993. Trata-se de uma união de cooperativas: "As Sete Bicas", "Ceta", "Hazal", "Portocoop", "Santo António das Antas", "Santo Ildefonso", "Solidariedade e Amizade", tendo como vizinha uma outra urbanização cooperativa, a "Nova Ramalde". Localiza-se, assim como o bairro social de Ramalde do Meio, à direita da Via do Marechal Carmona e tem como acesso principal a rua Central de Francos, continuação da Rua de Ramalde do Meio. O conjunto é limitado pela Via de Cintura Interna – motivo de bastante desconforto aos moradores devido aos ruídos e causa da formação da associação de moradores – pelo Parque de Campismo da Prelada e por uma grande extensão agrícola, minifundiária, eventualmente de subsistência, aparentemente subdividida por vários proprietários. As ruas que dão acesso às edificações são todas servidas pela principal, ou seja, o acesso é reduzido, não convidativo a transeuntes, mas apenas aos moradores.

Os espaços não edificados no interior do quarteirão assumem um carácter semi-privado, uma vez que os acessos a estes se fazem através de uma única entrada/saída. Este facto potencia uma forma de vivência característica entre os habitantes. No entanto, talvez por se tratar de moradores de classe média, que dedicam grande parte do seu tempo ao trabalho, os momentos de convívio entre a comunidade não são habituais e essa potencialidade não é atingida.

Os quarteirões possuem estrutura regular, assim como o traçado viário local, que apresenta malha bem definida. É interessante observar como se estruturam as vias de peões e viaturas dentro do conjunto da Cidade Cooperativa. Há uma grande faixa destinada aos peões que se interliga com todas as menores, enquanto as destinadas a viaturas são interrompidas. Os acessos são planeados de forma que o veículo tenha acesso a apenas alguns edifícios do conjunto. Por exemplo, a via 1 dá acesso aos edifícios 1 e 2, que possuem rampas isoladas para a garagem privada de cada edifício, e assim por diante.



Imagem 5 – Vista aérea da Cidade Cooperativa da Prelada. Porto, 2008

Fonte: maps.live.com

Os edifícios estão dispostos de maneira isolada, não seguindo nenhum tipo de alinhamento, permitindo maior independência e conseqüente liberdade formal e tipológica. Além disso, a descontinuidade da disposição dos blocos faculta grande permeabilidade entre as edificações. A Cidade Cooperativa é formada por 3 blocos exclusivamente residenciais de 1 módulo, 2 blocos residenciais com 1 módulo conjugados com



o bloco de serviços, entretanto ambos com acesso independente, e 4 blocos de 2 módulos. Os edifícios possuem a mesma tipologia, de blocos isolados com acesso único e distribuição feita através da circulação vertical, formando um conjunto homogêneo de 13 pisos com coroamento em laje plana. Faz parte também do conjunto uma creche, localizada ao lado do bloco comercial. Percebe-se que o conjunto possui funções zonificadas bem definidas.



Imagem 6 – Vista de acesso à Cidade Cooperativa da Prelada. Porto, 2008

Uma das características da cidade cooperativa da Prelada é a uniformidade que se constitui devido às tipologias semelhantes e o tipo de material utilizado como revestimento – o tijolo aparente – que conferem uma unidade a todo o conjunto. Em comparação ao bairro social, o material de revestimento possui qualidade muito superior.

Os edifícios são na sua maior parte estritamente residenciais existindo, no entanto, uma parte específica do conjunto onde se localizam os serviços: mercearias, padarias, lojas de computadores, restaurantes, cabeleireiros, confeitarias, lojas de design, agência de viagens, entre outros. O bloco onde se encontram as actividades económicas é composto por dois andares nos quais comércios e escritórios se distribuem nos dois pisos.



Imagem 7 – Vista do bloco comercial da Cidade Cooperativa da Prelada. Porto, 2008



Quanto ao carácter do espaço aberto, a Cidade Cooperativa possui, entre os edifícios, grandes áreas verdes, com mobiliário público em bom estado de manutenção, inclusive com presença de monumentos artísticos, como é o caso do monumento de Zulmiro de Carvalho. No entanto, tais espaços, como já foi referido, são pouco utilizados. Geralmente, os encontros acontecem num um café que faz parte do bloco comercial do conjunto.

Os quarteirões são do tipo semiabertos, as ruas possuem boa largura e permitem fácil acessibilidade no interior do conjunto. A quantidade de carros é bastante elevada, indicando que deve ser o principal meio de transporte utilizado pelos moradores. Outro factor que leva a tal conclusão prende-se com os congestionamentos, frequentes em horários de saída dos moradores para o trabalho, agravados pelo facto de haver apenas uma saída de veículos, como já mencionado. Como articulação do conjunto com os tecidos da envolvente existe o metro e a Via de Cintura Interna, possibilitando, inclusive, facilidades de acesso às estradas.

Todavia, não há propriamente uma relação urbana com a envolvente, uma vez que a disposição dos blocos cria um ambiente voltado para o próprio conjunto de edifícios. Nessa envolvente encontram-se conjuntos de edifícios com tipologias diferentes no que diz respeito ao uso: exclusivamente plurifamiliares, situados no limite do parque habitacional no que concerne aos acessos viários; edifícios de uso misto com comércio no rés de chão e residencial nos demais pisos, localizados entre os primeiros e os que formam a cidade cooperativa; e, finalmente, o conjunto de edifícios da Cidade Cooperativa da Prelada, onde se verifica a existência de um bloco de uso comercial e outros blocos de uso exclusivamente residencial. No que diz respeito ao número de pavimentos, todos os conjuntos seguem a mesma cêrcea e semelhantes volumetrias. Na envolvente também se encontra um pequeno *playground*, localizado entre os edifícios do conjunto ao lado da Cidade Cooperativa, de construção um pouco mais antiga.

Conjunto e condomínio privado São João de Bosco

O Conjunto São João de Bosco, ao contrário da Cidade Cooperativa da Prelada e do bairro social de Ramalde do Meio, situa-se à direita da via do Marechal Carmona, principal eixo que corta a freguesia, e está limitado pelas ruas Direita de Francos, das Andresas e de São João Bosco.



Imagem 8 – Vista aérea do Conjunto São João Bosco. Porto, 2008

Fonte: maps.live.com



Os quarteirões não possuem estrutura regular. Entretanto, é mais provável que o traçado da rua que divide os dois blocos tenha sido disposto segundo os desenhos de implantação dos edifícios, indicando que esta tenha sido uma das primeiras grandes edificações a ser construída na área. A rua possui boa largura, permitindo estacionamento a 90°C.

O espaço público é constituído apenas pelas ruas, pela área dos passeios e pela galeria onde estão localizados os serviços, não existindo nenhum espaço definido para convívio e lazer. A área destinada ao lazer é fechada, completamente privada, e destinada apenas aos moradores, formada pela composição contínua do alçado, o que permite o fechamento para o exterior.

Neste conjunto são seguidas as tipologias de torres em bandas contínuas. No entanto, os edifícios estão implantados de maneira diferente do bairro social. Em Ramalde do Meio há vários prédios em banda contínua, enquanto neste condomínio fechado todos os edifícios estão interligados, funcionando como uma barreira física que divide espaços internos (privado) e externos (público).

O conjunto é composto por 2 grandes blocos habitacionais, um com 10 pisos, e o outro com 7 (nesse bloco, disposto em L, há também, no seu interior, uma torre isolada com 10 pisos), formando um grande bloco que interrompe a ligação exterior / interior. As varadas são voltadas para o interior do conjunto – área comum dos prédios – e o coroamento dá-se por apartamentos com laje plana discretamente recuados formando pequenos terraços. Todo o conjunto edificado, construído na década de 90, é revestido com materiais semelhantes (cerâmicas) de boa qualidade para época da construção. As cores, os materiais e a forma conduzem à unidade desses blocos, ambos alinhados com a via.

O uso de um dos conjuntos, o que possui 10 pisos, é misto, enquanto o de 7 pisos é estritamente residencial. No conjunto em que há actividades mistas, o comércio localiza-se no rés-do-chão, encontrando-se os seguintes tipos de serviços: cabeleireiros, confeitarias, academia de pilates, agência de viagens, escola de explicações, lojas de decoração, entre outros. A entrada ao bloco residencial encontra-se no mesmo nível e alinhamento que a entrada dos diversos serviços localizados no bloco.



Imagem 9 – Vista da galeria e do conjunto São João Bosco. Porto, 2008

Quanto ao carácter do espaço aberto, pode dizer-se que tal área é composta pelo bloco em L, inteiramente voltada para o interior, como já mencionado, não permitindo relações entre usuários dos prédios e transeuntes.

Os blocos dispostos continuamente lado a lado permitem uma relação urbana com a envolvente, que é composta por vias de circulação local com acesso às principais vias de articulação do conjunto às demais localidades da cidade. Existe na envolvente um importante local que exemplifica os resquícios da



contrastante ruralidade ainda presente na freguesia de Ramalde: o lavadouro público, escassamente frequentado por alguns moradores da região que ainda lhe conferem uso.



Imagem 10 – Vista do lavadouro e envolvente da área do conjunto São João Bosco. Porto, 2008

Considerações sobre os três estudos

O espaço construído articula-se mediante alguns tipos de oposições, como por exemplo a oposição entre o exterior e o interior, seja de uma cidade, de um bairro, ou de um conjunto de casas; oposição entre espaços privados e espaços públicos; oposição entre centro (onde geralmente a arquitectura possui características monumentais como referencial) e bairros. Nessa perspectiva morfológica a cidade, assim como os conjuntos edificados, não possuem função específica havendo, na verdade, uma conexão entre essas funções através da relação com o espaço. Segundo Rémy et al, “a cidade é (...) o lugar onde as inter-relações são decisivas e se traduzem na própria morfologia”.

No que diz respeito à oposição exterior/interior dos conjuntos estudados, as situações ocorrem de maneira diversas nos três casos, sendo que em um deles – o conjunto São João de Bosco – essa relação é mais intensa. No bairro social e na Cidade Cooperativa da Prelada constatam-se espaços de transição, semi-públicos, que inibem ou simplesmente não fazem parte do percurso dos transeuntes (não moradores ou visitantes). Esses espaços são destinados ao lazer e convivência dos moradores. No caso do bairro social, o espaço configura-se através de equipamentos de lazer, especificamente o campo de jogos/anfiteatro, e espaços que proporcionam a convivência onde estão sempre presentes grupos de diversas faixas etárias. Na Cidade Cooperativa da Prelada os espaços verdes marcam forte presença. Todavia, são pouco frequentados. Os bancos distribuídos pelos espaços são usados algumas vezes, mormente por pessoas desacompanhadas, e poucas vezes os espaços são utilizados por crianças. O convívio entre as pessoas é mais comum num café que faz parte do conjunto. Já no conjunto de condomínio fechado São João de Bosco, essa relação não existe, estando ausentes os espaços semi-públicos. A área de lazer ou verde do conjunto é totalmente direccionada para moradores, sem aceso ao exterior.

O traçado, tanto da freguesia como dos conjuntos, pode ser classificado como orgânico, irregular, o que indica um crescimento não planeado da área. A freguesia possui ainda espaços vazios entre edifícios (lotes ainda não edificados e terrenos baldios, antes associados às quintas), propícios ao crescimento. Nota-se que esses espaços têm sido ocupados em vários locais da freguesia, inclusive próximo às áreas de estudo. É interessante observar que as regiões já se encontram bem definidas no que diz respeito à valorização das construções. Com isso, pretendemos dizer que, próximo ao conjunto de São João de Bosco, estão a ser construídos novos edifícios destinados a grupos privilegiados por construtoras de renome. De igual modo, há relativamente pouco tempo, foi construído entre o bairro social de Ramalde do Meio e o bairro social do Viso um outro conjunto por iniciativa da Câmara. Por seu lado, próximo da Cidade Cooperativa da Prelada, que é um dos conjuntos que compõem o Parque Habitacional da Prelada, construído por iniciativa de cooperativas, as novas construções são também destinadas às classes médias. Entretanto, recentemente, essas construções têm sido executadas por construtoras, não por cooperativas, o que pode ser explicado pela valorização dos apartamentos dos edifícios que compõem a cidade cooperativa – muitos desses apartamentos encontram-se à venda – e, conseqüentemente, a valorização do entorno.



Imagem 11 – Vista da área a ser construída próxima ao conjunto da Cidade Cooperativa da Prelada no fundo do campo de cultivo. Porto, 2008

Todos os conjuntos, assim como a freguesia, estão implantados em locais cujo relevo, por ter características mais planas, não interfere demasiado na conformação dos espaços. Apesar disso, os eixos visuais não são claros em toda a freguesia – por exemplo, não se tem alcance visual do bairro social, nem mesmo da Cidade Cooperativa que possui edifícios altos, quando se está na região do conjunto São João de Bosco. Por outro lado, é possível conseguir visibilidade tanto do bairro social para a cidade quanto o contrário. Obstáculos físicos como a linha do metro e viadutos favorecem ainda mais a divisão entre a área de classes privilegiadas e as demais.

Apesar de não existirem muitos espaços destinados ao lazer, a freguesia caracteriza-se por ser um bom espaço, do ponto de vista urbanístico, contendo elementos urbanos dos quais os usuários podem apropriar-se, nomeadamente os espaços de convívio localizados tanto no bairro social como na Cidade Cooperativa. A rua, em todos os casos, suporta apenas funções como via de acesso rodoviário, não funcionando como espaço de estar e de convívio, apesar das dimensões que possui em alguns locais. Relativamente ao edificado existente, na área próxima ao bairro social verifica-se a presença de imóveis em mau estado de conservação e situações de construções abarracadas, que contribuem para uma paisagem desqualificada.

Os edifícios componentes do bairro social foram construídos por iniciativa da Câmara Municipal do Porto com o intuito de realojar moradores expulsos do centro da cidade, muitos deles habitantes no núcleo histórico. No caso da Cidade da Prelada, a iniciativa partiu de uma cooperativa que vendia os apartamentos a custos mais acessíveis aos sócios. Já no que concerne ao conjunto São João de Bosco, uma construtora foi a responsável pela edificação.

Em todos os casos, a ocupação dos conjuntos é dada pelo uso de tipo habitação familiar colectiva e todos eles apresentam tipologias semelhantes, indicando unidade interna. No entanto, quando comparados entre si, torna-se bastante visível a diferença das conformações dos assentamentos. A simetria também é característica presente em todos os casos, ao contrário da disposição dos prédios, que diferem nos três casos: no bairro social a implantação dos prédios permite o acesso através do quarteirão, assim como na Cidade Cooperativa da Prelada, que tem a especificidade de estar implantada num conjunto isolado, enquanto no conjunto São João de Bosco a implantação do conjunto edificado forma um quarteirão fechado, com acesso restrito aos moradores.

Num dos casos, a Cidade cooperativa da Prelada, existe uma forte separação entre a circulação de pedestres e de veículos. O percurso, tanto de veículos como de pessoas, é bem diferenciado, sendo privilegiado o percurso do pedestre, apesar do uso do carro estar muito presente nas imediações.

O isolamento físico e social é extremamente bem definido no conjunto São João de Bosco. De igual modo, está presente no edificado cooperativo. Todavia, aí não é propriamente visual, mas sim de cariz simbólico. Quanto a Ramalde do Meio, tal isolamento não existe. No que diz respeito ao isolamento funcional



comercial dos conjuntos, apesar de todos eles estarem abertos ao público, o de classes privilegiadas é apenas frequentado pela população que pertence àquele espaço, enquanto o edificado cooperativo e o bairro de habitação social são frequentados por moradores de ambos os locais. Para exemplificar, pode ser citado o supermercado *Mini-preço*, que se situa entre o bairro social e a Cidade Cooperativa, frequentado por habitantes dos dois conjuntos; ou o cabeleireiro situado no bloco comercial da Prelada, utilizado pelas mulheres do bairro social.

Em todos os casos estudados, apenas o conjunto da Cooperativa da Prelada possui uma associação mais actuante. A localização do conjunto – ao lado da via de cintura interna – levou à união dos moradores para encontrarem soluções face ao ruído causado pela passagem diária de milhares de veículos. O cinturão verde de isolamento foi a solução encontrada. Esta e outras acções podem ser encontradas no espaço virtual criado pelo condomínio geral – <http://ccprelada.blogspot.com/>. Por seu lado, a Associação de Moradores do bairro social de Ramalde, apesar de existente, é utilizada apenas como espaço de convívio. Geralmente, as reivindicações dos habitantes são feitas pela Junta de Freguesia e/ou pela Igreja junto à Câmara Municipal do Porto.

Apesar da Freguesia de Ramalde ser habitada por diversas classes sociais e, por isso, ter uma grande diversidade potencial, o relacionamento entre as mesmas não é presenciado. Os espaços são ocupados apenas por moradores dos próprios locais, não havendo trocas entre eles. No que diz respeito às relações de vizinhança, pode-se dizer que ela ocorre entre os moradores de cada local, mas não entre os conjuntos, sendo que, no caso do bairro social, essa relação é muito mais intensa, predominando a solidariedade de base ecológica.

Um estudo realizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) intitulado *Metrópoles, desigualdades socioespaciais e governança urbana* constatou a importância da diversidade social nas escolas. De acordo com a investigação, a simples convivência de classes sociais distintas influencia de forma positiva o nível educacional de crianças e jovens pobres, uma vez que é melhor o aproveitamento e rendimento dos estudantes em estabelecimentos de ensino que são frequentados por diversas classes sociais. Foi constatado também que, nesses casos, o insucesso e as taxas de abandono escolar são inferiores em locais onde existe maior coexistência de classes sociais, indicando também maior integração entre as mesmas.

As escolas frequentadas não são as mesmas para as três classes. Apesar da proximidade, as crianças da Cidade Cooperativa não utilizam a mesma escola que a população do bairro, enquanto que, no caso do condomínio privado, as escolas frequentadas são predominantemente privadas. Segundo relatos do pároco de Ramalde, o Padre Almiro Mendes, o projecto *raiz* procura introduzir alguns alunos pobres em colégios, confirmando a boa integração e o excelente desempenho escolar dos discentes mais desfavorecidos. Todavia, trata-se de casos pontuais.

Diferentes actividades são promovidas na freguesia pela Junta, pela associação *Asas de Ramalde* e pela Igreja. Segundo relatos, a integração das diferentes classes acontece com maior frequência quando as iniciativas são direccionadas para a terceira idade. Nos casos em que o público-alvo é constituído por crianças a frequência provém geralmente das classes mais desfavorecidas. É o que acontece com algumas actividades desenvolvidas pela *Asas de Ramalde*, nomeadamente as viagens promovidas pela organização com o intuito de levar a população mais pobre a outras cidades. É interessante referir que as viagens são destinadas a crianças de vários bairros sociais da freguesia e que, apesar de pertencerem a fracções de classe descapitalizadas, ocorrem sempre rivalidades entre os diferentes bairros. No que diz respeito aos espaços, percebe-se que são bem definidos, assim como as apropriações pelas diferentes classes, que ocorrem de maneira autónoma para cada uma delas. A própria configuração dos espaços reflecte o tipo de apropriação: por exemplo, o conjunto São João de Bosco é fechado para o exterior e aberto para o interior, tornando-o de uso restrito a moradores; no conjunto cooperativo o espaço comum é permeável (com acesso a qualquer pessoa, apesar do limite imaginário criado pela disposição dos edifícios), com o espaço público



bem cuidado e, inclusive, projectado, mas pouco utilizado pelos moradores, enquanto o conjunto formado pelo bairro social é aberto para exterior e o espaço público intensamente utilizado pelos moradores.

É interessante, igualmente, avaliar como o espaço público, apesar de aberto, é diferentemente regionalizado nos dois últimos casos: enquanto que, no conjunto cooperativo, é composto por grandes áreas verdes, jardins e bancos, no edificado de habitação social revela-se mais limitado, em alguns casos completamente impermeável, formatado por pequenas quadras, ou pelo menos apropriado como tal, e também por espaços fechados/abertos, como é o caso do já citado corredor, em que, apesar de ser «permitida» a entrada de qualquer pessoa, pelo facto de ser um ambiente não convidativo, por ser julgado perigoso (tráfico de drogas, por exemplo), é usado apenas por escassos moradores.

A falta de alguns serviços na envolvente do bairro social é também motivo para a utilização de algum comércio oferecido na Cidade Cooperativa da Prelada por alguns moradores do bairro social de Ramalde do Meio, como é o caso dos cabeleireiros ou mesmo de supermercados localizados entre as duas áreas.

Provavelmente, o equipamento mais utilizado por toda a população da freguesia, independentemente da classe social, permitindo esporádico relacionamento entre os habitantes, é a Igreja Nova de Ramalde, espécie de símbolo de atravessamento das pesadas e cada vez mais cristalizadas fronteiras.

Referências Bibliográficas

CULLEN, Cullen (1996), Paisagem urbana, Lisboa, Edições 70.

JEUDY, Henri Pierre (2005), Espelho das cidades, Rio de Janeiro, Casa da Palavra.

LYNCH, Kevin (1990). A imagem da cidade. Lisboa, Edições 70.

MOUTINHO, M.C.M (2007), Desenho Urbano, Elementos de análise Morfológica, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas.

RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane (2004), A cidade: rumo a uma nova definição?, Porto, Afrontamento.

SALGADO, Manuelet al (2006), Atlas Urbanístico de Lisboa, Lisboa, Argumentum.

SITTE, Camillo (1992) A construção das cidades segundo seus princípios artísticos, São Paulo, Ática.

- ⁱ Projecto financiado pela FCT tendo como investigadora responsável Teresa Ferreira Veiga e agregando três instituições: a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ISFLUP) e o Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB). Abarcando as áreas científicas da Demografia e da Sociologia tem ainda como investigadores Maria João da Silva Guardado Moreira; Ana Filipa Silva de Castro Henriques; Luís António Vicente Baptista; João Teixeira Lopes e Izabela Naves.
- ⁱⁱ Jeudy, Henri Pierre, *Espelho das cidades*, Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2005. p.108.
- ⁱⁱⁱ Chama-se subregião cada um dos conjuntos seleccionados como objectos de estudo pertencentes à freguesia.
- ^{iv} Camillo Sitte (1843-1903) nasceu em Viena (Áustria) sendo a sua obra mais conhecida publicada em 1889, *Der Städtebau nach seinen Künstlerischen Grundsätzen*, Graeser, Viena e traduzida para português sob o título. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, (1992).
- ^v Kevin Lynch (1918-1984) nasceu em Cambridge-Ma (USA) sendo a sua obra mais conhecida publicada em 1960, *The Image of the City*, The Massachusetts Institute of Technology Press, Cambridge (Mass.) e traduzida para português sob o título. *A imagem da cidade*. Lisboa, Edições 70, 1990.
- ^{vi} Gordon Cullen (1914-1994) nasceu em Bradford-Yorkshire (UK) sendo a sua obra mais conhecida publicada em 1961 *Townscape*, Architectural Press, Londres e traduzida para português sob o título. *Paisagem urbana*; trad. Isabel Correia, Carlos Macedo. Ed. 70, Lisboa, 1996.
- ^{vii} Pierre Jeudy trata dessa questão considerando apenas a capacidade individual de percepção visual da cidade do ponto de vista do habitante, fazendo apelo à memória da vivência urbana de cada um.
- ^{viii} A existência da linha é antiga, utilizada anteriormente como linha de comboios.
- ^{ix} Apesar de dividir fisicamente a freguesia, permite fácil acesso a ambos os lados.
- ^x Apesar da disposição regular dos prédios dentro do quarteirão, o entorno possui traçado orgânico, que condiciona a forma do quarteirão
- ^{xi} Como já dito anteriormente, o traçado viário é, na maior parte das vezes, regido segundo a topografia, sendo ela plana ou acentuada, com maior influência sobre o desenho no segundo caso.
- ^{xii} Segundo relatos da população, após a reabilitação do local, foi solicitado pelos moradores uma cesta de basquetebol, já que o espaço quase não era utilizado.
- ^{xiii} Alguns indícios levam à crença de que as reabilitações no bairro ocorreram com a finalidade de melhorar a imagem do local, uma vez que, por ali, passaria a linha do metro.